



Foto: Daniel Choma.

Entrevista com

Anita Maria Lopes de Moraes

realizada em 2011

FICHA TÉCNICA

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Freguesia do Ribeirão da Ilha, Florianópolis - SC.

Data: 08 de dezembro de 2011.

Participantes: Tati Costa (entrevista e captação de som); Daniel Choma (entrevista e câmera principal); Anderson André Lima (entrevista e câmera adicional); Reginaldo Maurício Ferreira (entrevista e captação de som); Carlos Eduardo da Cunha (foto still).

Projeto de origem da entrevista: Intergerações – artes do fazer e do lembrar.

Parcerias do projeto Intergerações: Instituto 3 Vermelho – Ponto de Cultura Baleeira; Banda da Lapa – Ponto de Cultura Educação Musical Popular; Rádio Campeche – Ponto de Cultura TOCA; LIS – Laboratório de Imagem e Som – UDESC; Prêmio Ação Cultura Digital – Ação Cultura Viva - Ministério da Cultura – Governo Federal.

Produção do Projeto Intergerações (2011) e Acervo: Câmara Clara – Instituto de Memória e Imagem.

Transcrição da entrevista para projeto Memória Rendeira (2021): Tati Costa. | Edição: Daniel Choma.

MEMÓRIA RENDEIRA

Projeto selecionado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura - Patrimônio e paisagem cultural - Edição 2020, executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura.

Projeto:



Apoio:



Realização:



ENTREVISTA COM ANITA MARIA LOPES DE MORAES

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/anita/>

[Começamos a gravar, Anita está fazendo uma peça de renda de bilro]

ANITA – Eu tinha que fazer renda de metro, mais fininha, pra comprar um vestidinho pra ir à missa. Assim que ela [minha mãe] me ensinou, com seis anos de idade.

TATI – Era teu brinquedo, então?

ANITA – Era meu brinquedo, brincava muito de casinha, gostava de brincar de casinha, boneca, mas na hora que eu largava a renda é que tinha que fazer isso, durante a renda não podia brincar. Assim me criei.

TATI – A brincadeira era o quê mais?

ANITA – Brincadeira de loucinha de barro, que se comprava naquele tempo, aquelas loucinhas de barro. Hoje tem aquelas bonecas lindas, eu não brinco mais. Eu ganhava um boneco de celuloide de ano em ano, todo Natal meu pai comprava um boneco de celuloide naquele tempo. Foi assim que fui criada. Como menina era inocente, toda vida, até grande. Eu era grandona e brincava de boneca ainda, fazia renda e com dezoito anos brincando de boneca. Saía daqui, largava a renda, enquanto minha mãe não estava perto de mim eu brincava de boneca. Enchia a almofada de boneca, tinha loucura por essas brincadeiras. A gente era bem ingênua, bem criança mesmo.

TATI – Tua mãe aprendeu com quem?

ANITA – Minha mãe aprendeu com os parentes dela daquele tempo, com a mãe dela, com a avó.

TATI – Quer dizer que passa de uma pra outra?

ANITA – Só que a minha família, minhas filhas, minhas netas não sabem fazer renda, nunca quiseram aprender, nunca teve paciência de aprender. Porque hoje a vida é outra.

[Corte]

ANITA – Só se trabalha com quatro bilros, quatro só. Você pega dois, larga dois, pega mais dois, fica com dois, sempre assim. Você só trabalha com quatro bilros. Todas as rendas que tem, pode ser uma renda grande, com bastante de bilro, porque quando maior mais bilro leva. Então é assim, larga dois e pega dois, fica sempre com quatro na mão fazendo, sempre assim.

TATI – Com quantos [bilros] a senhora está trabalhando aí?

ANITA – Olha, nem contei quantos bilros, por que eu faço... Eu gosto de trabalhar com poucos bilros. Um bilro, um par, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze! São 28 bilros. Essa leva bastante bilro.

TATI – Quería que a senhora apresentasse pra gente, faz de conta que eu não sei que isso se chama almofada...

ANITA – Bem, isso é a almofada pra fazer a renda, pra montar a renda, e o desenho a gente faz. Eu tenho aí desenho de tudo quanto é largura, pequenininho assim, coisa mais linda, tenho até amostra - depois vou pegar pra vocês, porque não peguei antes. Mas tanto desenhava renda grande, como desenhava pequeninha. Agora fiz muito há pouco tempo, muita miudinha, encomenda, essa aqui chama-se... Naquele tempo eles davam o nome Orelha de mula, essa aqui, a Orelhinha, entendeu como que é? Essa aqui é a Orelhinha. Porque ela é comprida. Tudo tinha nome!

TATI – E esses [bilros], é alguma madeira específica?

ANITA – É, só pode ser... Por que pode ver, quantos anos, minha mãe tinha sete anos, tem cento e poucos anos esses bilros, estão sempre inteirinhos assim.

TATI – Eram bilros que sua mãe já usava?

ANITA – É, os bilros que ela usava! Ela começou a fazer renda com sete anos. Já aprendi com seis, mais novinha que ela ainda. Mas os bilros que ela usava são esses! Não tenho outros bilros. E tudo torneado, que eles faziam, pretinho assim oh, tem uns que são todo pretinho, torneado.

TATI – Eles têm até uns detalhes...

ANITA – Esses aqui são os alfinetes, você conhece? Isso aqui chama-se o pique, pra fazer a renda.

TATI – A sua mãe já usava alfinete?

ANITA – Todo mundo usava. Todo mundo... Eu acho tão linda essa renda, acho tão linda pra enfeitar assim, uma blusa, entendeu?

TATI – É, vestido... Bem firminha...

ANITA – É.

TATI – O que tem que ter pra fazer uma boa renda, pra dizer “essa renda está bem feita”. Como tem que ser?

ANITA – Não estou entendendo como...

TATI – Eu digo assim, se ela tem que ser bem retinha?

ANITA – Ah, sim!

TATI – O que tem que ter pra dizer que é uma boa renda?

ANITA – A gente tem que saber fazer... Saber colocar direitinho tudo, já quando desenhar, desenhar certo... Todas minhas rendas são muito procuradas... Quando é branca, faço com linha branca, ela é clara, essa, e tem uma preta aqui. Nós temos um artesanato ali, bom demais, a Elza, ela só tem trabalho bom, ela só trabalha pra São Paulo, pro Rio [de Janeiro], tudo coisas importantes, o tecido dela é maravilhoso. Então ela diz que minha renda combina com os tecidos dela. Por causa da linha, eu faço com outra linha maior, não está aqui agora, está lá dentro. Essa aqui agora eu estou fazendo com essa. Essa é a linha Mercer Crochet.

TATI – Na época da sua mãe, que ela fazia renda, aonde ela vendia?

ANITA – Tinha gente aqui que comprava renda, só que já faleceram tudo, eles compravam renda, tua avó, a tua bisavó também comprava renda. *[Anita se dirige a uma pessoa da equipe]*. Outras vendiam na cidade, sempre se vendeu... Tinha as pessoas que compravam renda aqui, já faleceram, mas é assim.

TATI – Então vendia aqui no Ribeirão da Ilha mesmo?

ANITA – Era. Era baratíssimo, meu Deus, faço agora a quinze reais o metro disso aqui, mas eu faço um metro brincando, num instante. Naquele tempo era quinhentos réis o metro, quinhentos réis!... *[Risos]* Quase não havia dinheiro, o dinheiro era pouco. Então era tudo moedinha, tostão, do tempo do “mil-réis”. Mas se passava a mesma coisa, porque era pouco dinheiro, a quantidade que se fazia era aquele dinheiro que se ganhava.

TATI – Onde se fazia, dentro de casa ou se reunia pra fazer?

ANITA – Antigamente... Eu sempre gostei de fazer dentro de casa, sempre reservada, toda vida foi assim. Mas tinha gente que fazia na frente da casa pra conversar, pra cantar, gente fazendo renda cantando: “*ratoeira bem cantada, faz chorar, faz padecer*” *[canta]*, fazendo renda sempre.

TATI – Queria saber quais músicas tinha assim, fazendo renda?

ANITA – Pois é essa que eu estava cantando agora. Elas cantavam ratoeira... Era só ratoeira que elas cantavam mesmo. Como apanhavam café, nas chácaras, existiam apanhadeiras de café, era tudo cantado assim e na renda era a mesma coisa. *[Canta]* “*Ratoeira bem cantada, faz chorar faz padecer, também faz um triste amante, do seu amor esquecer*” Isso aí elas cantavam o dia inteiro, uma tirava o verso pra outra, mas fazendo renda, sempre assim, muito engraçado. Eu não, sempre fui muito reservada, fazia dentro de casa, sempre num cantinho. Cada um tinha o seu costume, eu não gostava.

TATI – Aquela música da mulher rendeira também cantavam?

ANITA – Cantavam: *[Canta]* “*Olé mulher rendeira, olé mulher renda, tu me ensina a fazer renda, eu te ensino a namorar*” Aí uma tirava verso pra outra, cantando sempre, fazendo renda!

TATI – E os versos, tinha muita rima sobre renda também?

ANITA – Tinha. Eu tenho um livro aí que muita música sobre renda, sobre tudo, um livro da terra, não sei se tu tens, deves ter, não?

TATI – Aquele sobre o Ribeirão da Ilha?

ANITA – É, ali tem tudo querida!

TATI – É, mas é diferente no livro e a pessoa contando *[Risos]*

ANITA – Ah sim, mas agora não se vê mais cantando tanta coisa... Ali tinha até a gente. Eu tinha um grupo de idoso também, já viste? É, muitas músicas, cantava muito, na igreja, tudo... Coral, aqui no Ribeirão, já fiz tudo que tinha de fazer e ainda continuo cantando. Temos três conjuntos que a gente ainda canta muito, ainda hoje vou cantar. Amo cantar, adoro!

TATI – O jeito de fazer renda mudou desde a época que a senhora aprendeu pra hoje?

ANITA – Não mudou nada, é a mesma coisa. Tem gente que faz renda sentada de uma maneira curvada, eu sempre fui assim *[indica o alinhamento de sua postura]*. Tem outras pessoas que fazem assim, até meia gíngã, o jeito de fazer, de segurar a renda, sempre gíngadinha, entendeu?

TATI – Verdade, sua postura é boa...*[Risos]* A gente até lembra de ficar assim...

ANITA – Tempo bom não volta mais. *[Som dos bilros]*

TATI – A senhora acha que o uso que as pessoas fazem da renda mudou? Por exemplo, pra quê a pessoa comprava uma renda antigamente?

ANITA – Porque na cidade eles precisavam muito de renda, compravam da gente e iam vender na cidade. Pra tudo, como é hoje, a mesma coisa... Fazem toalhas, fazem até vestido, existe vestido de renda, coisa mais linda, como aquela renda que veio do Ceará, tem nome Renda do Ceará... Tem a Bicuda, todas elas têm nome. Inclusive já fui representar a renda no Chile, estive quinze dias lá, levando a renda do Brasil.

TATI – A senhora esteve?

ANITA – Estive em tudo que é lugar, comecei aqui em Itajaí, Balneário Camboriú, fui parar lá no Chile.

TATI – Aí compravam, faziam toalhas também?

ANITA – Sim, toalha, claro. Inclusive, eu tenho uma toalhinha de Tramoia aqui. Enquanto ele arruma aqui vou pegar as amostrinhas que tenho lá.

[Corte]

ENTREVISTA COM ANITA MARIA LOPES DE MORAES

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/anita/>

[Anita apresenta suas rendas]

ANITA – É, não tem nome, foi a Anita que desenhou. Essa aqui já vendi, quinze, trinta metros, já vendo muito mais do que isso. *[Demonstra uma peça]* Essa é mais estreitinha ainda. *[Demonstra outra peça]* Essa também é muito bonita. Essa também, mais linda ainda. Eu não sei por que alguém não gosta de renda, alguém que fez renda, não dá valor. Eu dou um valor enorme, eu acho tão lindo. Olha lá.

TATI – A senhora coloca nas suas roupas?

ANITA – Sim... Eu nem coloco na toalha, coloco aquela fitinha, fica assim. *[Demonstra outra peça]* Tem essa outra também, não sei se é igual aquela outra, é igual a essa. Essa aqui também, bem estreitinha, olha a grossura dela, a largura dela.

TATI – Tenho até vergonha, porque na minha blusa tem, mas é tudo...

ANITA – Mas a tua não é feita, a tua é de fábrica.

TATI – É, isso, de fábrica.

ANITA – A tua é de fábrica. Essa aqui, mais linda, eu adoro fazer isso aqui. Ela também gosta de comprar de monte essa renda aqui. Eu até vou pregar numa blusinha que eu tenho ali, da ONG, dessa associação, eu tenho a blusa e vou pregar na manguinha, que fica mais graciosa ainda. Muito lindinha ela.

TATI – A senhora gosta mais de fazer de metro do que peça...

ANITA – Não, agora não tenho mais paciência pra fazer grande não, querida. Não tenho muita paciência de fazer renda grande não. Faço assim por esporte, porque não tenho necessidade de fazer renda, é para fazer alguma coisa, porque isso aqui faz muito bem à mão, entendeu? Se tem dor na mão, parar é pior. Pra isso é maravilhoso. Tem essa outrazinha também que é muito bonitinha, dessa aqui fiz muita também, nossa!

TATI – O quê a senhora ia contar aquela hora, da Tramóia?.

ANITA – É, tem a Tramóia também, era pra eu trazer a toalha, pra vocês verem a tramóia, conhecem?

TATI – Se não for trabalho, gostaria de ver.

ANITA – Não, não é trabalho não..

[Ela busca uma toalha para nos mostrar].

ANITA – Uma renda que eu não goste de fazer, graças a Deus.

TATI – Não gosta?

ANITA – Ela é feita só com quatro bilros. Essa é a Tramóia.

TATI – E porque que a senhora não gosta?

ANITA – Não gosto, porque só trabalha com linha grossa, não é o meu caso não. Eu desenho pros outros, mas não faço.

TATI – A senhora que desenhou essa daí?

ANITA – É.

TATI – Bonita!

ANITA – Mas não está engomada. Engomando ela fica a mesma coisa novinha. Uma renda muito durável, muito boa.

TATI – Quanto tempo leva pra fazer uma peça dessa?

ANITA – Ah não sei... É de quadro em quadro. Os quadros são emendados um no outro, entendeu? Faz esse quadro e emenda. Uma semana... Um ou dois dias elas fazem um quadro desse. E depois pra fazer as pontilhas de fora leva... Um tempinho. Tudo é mais ou menos um mês.

TATI – Dizem que essa Tramoia é daqui do sul da Ilha...

ANITA – É, lá da Lagoa da Conceição. Foi inventado de lá. Lá que veio a história dela.

[Corte]

[Som de bilros]

ANITA – Na verdade eu tenho que fazer de óculos, mas eu não faço de óculos. É que está claro demais, entendeu?

TATI – A senhora já ensinou a fazer renda pra alguém?

ANITA – Não. Nem as minhas netas, não quiseram aprender, não quiseram ter paciência. Nunca ensinei pra ninguém não. Podia até dar uma aula disso aí, podia abrir uma sala... É um trabalho tão bonito, trabalho limpo, tem que estar com as mãos limpas pra fazer renda. É assim, mas ninguém quer... Hoje não têm paciência de sentar assim não. A gente fazia renda, então a gente queria tomar banho de mar, sabe o que eu fazia? Minha mãe só dizia assim: “– Enquanto não terminar a tarefa...” Ela marcava a tarefa daqui até aqui. “– Daqui até terminar o pique, senão não vai tomar banho de mar.” Naquele tempo era assim. Eu botava tudo pra baixo, enquanto ela não estava eu botava tudo pra baixo pra dizer que acabei. E ela pensava que tinha acabado mesmo! Não era não, era eu que colocava a renda toda pra baixo, pregava tudo: “– Oh mãe, já acabei”. “– Agora pode ir.”

TATI – [Risos] Enganava a mãe!

ANITA – É, naquele tempo era assim, a educação era essa. Quando a gente queria tomar banho de mar era obrigada a enganar. Isso a gente já era grande, não era menininha

pequeninha não. Pra tomar banho de mar a gente tinha que ir com maiô, uma toalha de banho em cima da gente - se andava assim, não como agora. Agora está lindo, agora é uma beleza!

TATI – *[Risos]* E quando a senhora se casou, continuou a mesma coisa fazendo renda?

ANITA – É, aí eu queria fazer renda, meu marido não deixou, trancou. Escondia minha almofada pra eu não fazer, não deixou fazer renda. Muito tempo sem fazer, muitos anos. Depois veio filhos, era pra cuidar dos filhos... É isso aí...

DANIEL – Quantas horas num dia a senhora chega a ficar fazendo renda?

ANITA – Não posso ficar muito tempo. Eu deito, vou descansar, depois do jantar é que eu faço um pouco, entendeu? Sento lá, faço um pouquinho, assim também, duas cadeiras. Aí começa a doer as costas, não quero mais, já estou saindo. Dói as costas, vou dar uma volta, às vezes saio, me deito um pouco, estico o braço, não é fácil não. A gente faz do que gosta mais.

REGINALDO – A senhora sabe contar nos dedos as pessoas que fazem renda aqui no Ribeirão da Ilha, não é?

ANITA – Agora tem umas seis, só quem faz. Antigamente era uma fábrica aqui. Todo mundo trabalhava na renda, era o nosso emprego, tinha que fazer renda, mesmo quando era moça. Depois é que a gente saiu, foi trabalhar fora, melhorou a situação. Até moça, uns 18 anos, assim, ainda fazia renda.

REGINALDO – E a senhora conheceu história de alguns homens que quiseram fazer renda alguma vez?

ANITA – Aqui nunca.

REGINALDO – Nunca? Nunca soube de nenhum?

ANITA – Nunca. Aqui nunca sobe disso. Eu soube disso uma vez, mas foi lá fora. Não sei qual foi o país que fizeram isso, o homem fazendo renda. Mas aqui nunca houve isso, muito machão!

REGINALDO – Serviço particular das mulheres mesmo?

ANITA – Aqui era só das mulheres. Os homens aqui, naquele tempo, eram tudo pescador, todo mundo pescava. Hoje só pesca que tem esporte, brincadeirainha.

TATI – E pra fazer a rede, as mulheres faziam rede de pesca?

ANITA – Tinha mulher que fazia rede sim. Eu nunca fiz, mas tinha mulher aqui que fazia rede. Rede, que tu falas?

ENTREVISTA COM ANITA MARIA LOPES DE MORAES

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/anita/>

TATI – É.

ANITA – É, justamente.

TATI – De pescar.

ANITA – Aqui sim, sempre teve.

REGINALDO – Como foi a experiência lá no Chile, de levar a renda?

ANITA – Foi muito bom! Eu levei pra vender e mostrar a renda daqui. Foi ótimo! Vendi muita, inclusive até levei almofada e fiz muita pra mim, era coisa minha. As aulas, os colégios iam visitar a gente fazendo renda. Eu desenhando, não dava tempo de fazer as rodinhas, vinha gente comprar as minhas rendas, eu largava e ia atender. Era assim, muito bom. Foi inesquecível aquilo que passei lá!

REGINALDO – Qual foi a sua sensação? A sua emoção?

ANITA – Foi forte! Cheguei lá... Levei até o violão. Na chegada, fui pra universidade católica, levei o violão e lá é a terra da guitarra, não é? Aí aquela roda.. A gente tomou banho, sentou ali, naquela sala enorme, todo mundo. Eu cantei muito, inclusive fui escolhida pra cantar na missa, na hora do ofertório. Eu cantei: *[Canta] "Tu te abeiraste da praia, não buscastes nem sábios nem ricos, somente queres que eu te siga. Senhor, tu me olhastes nos olhos a sorrir, pronunciastes meu nome, lá na praia eu larguei o meu barco junto a ti, buscarei outro mar."* Eu cantei isso e lá é tudo espanhol. Tive que aprender a falar espanhol em quinze dias! É fácil, muito fácil espanhol, meu Deus! Mas eu ainda falava português e eles entendiam, claro, não entendiam bem... Mas depois que cheguei, o embaixador foi lá saber o que eu precisava. Foi mandado daqui de Florianópolis pelo meu chefe, eu trabalhava no SEBRAE na época. Ele mandou que fosse me atender, alguma coisa que eu precisasse. Ele falou em português comigo, ficou bem... Mas os outros era em espanhol e comecei a falar em português. Aí fui obrigada a aprender a falar com eles na linguinha deles. Não é difícil falar espanhol, a nossa língua é mais difícil pra eles. É verdade? Eles acham muito difícil a nossa.

TATI – Como chama essa música que a senhora cantou agora?

ANITA – Essa música é de igreja mesmo: "Tu te abeirastes".

REGINALDO – A senhora toca violão?

ANITA – Toquei, toquei, mas nunca mais toquei não.

REGINALDO – A senhora levou o violão pro Chile?

ANITA – Sim, levei pro Chile o violão, que eu estava falando: na hora em que a gente chegou lá e fomos tomar banho... Eu fui sozinha, coragem! Não tenho mais coragem, já custo ir à cidade, de medo, mas naquele tempo a gente não tinha medo de nada. Fui, cheguei lá às sete horas, aí eles começaram a chamar as pessoas, cada grupo e só tinha

eu de brasileira. Tudo era de outro país: Bolívia, Equador... Então eles falaram - chegou a minha vez-, Anita Morale, vi que era eu e me apresentei. Aí chegou naquela sala, linda, enorme, todo mundo sentado, uns com guitarra e eu com o violão. Eu gostava de tocar violão! Tocava mesmo, naquela época.. Cantei muito, essa música, eles me escolheram pra cantar. Depois o padre fez o sermão sobre essa música: “- Uma brasileira cantou *Tu te abeirastes da praia*”. Aí ele explicou a maneira, o tempo de Jesus, que aquilo ali era Deus que estava na praia, quando eles foram lançar a rede ele chegou. Eles achavam que não tinha peixe, viram aquele homem, não acreditavam que era ele, não sabiam que era Deus. Aí ele mandou botar a rede e a barbaridade de peixe que veio! Então foi assim. Cantei muito lá, meu Deus, não me lembro, era tanta coisa que eu cantava. Naquela época cantava muito mesmo, mas foi muito gostoso...

[Corte]

TATI - Mas a senhora foi pra lá por causa da renda?

ANITA – Sim, tudo pelo turismo, naquele tempo, Doralécio [Soares], que era o encarregado, já faleceu também.

TATI – Pra divulgar?

ANITA – É, claro, pra mostrar como era a renda de bilro.

REGINALDO – Quais foram as maiores alegrias que a renda lhe trouxe?

ANITA – Ah muitas... Principalmente quando a gente passeou, se encontrou com gentes tão queridas, espanholas são carinhosas e ainda depois andei recebendo carta delas aqui em casa e tudo. Muito gostoso. A gente brincou muito. Saía de manhã, às oito horas, levantava, tomava banho, saía e voltava às duas horas pra trabalhar. Era assim, entendeu? Passeamos conhecendo tudo.

REGINALDO – A senhora tem alguma alegria da infância, da adolescência com a renda?

ANITA – Sim! A gente era menina fazendo renda e a minha mãe ensinando. Aquilo era tão gostoso, queria comprar um vestidinho pra ir pra igreja. Então era uma satisfação enorme. Eu sempre fui muito ajeitadinha, sempre muito cuidadosa com as coisas, sempre fui uma menina muito contente. Sempre contente e cantando sempre. E cantando, com sete anos, eu cantei até num palco ali, na escola era eu e o Osmarino, os mais cantores da escola. Eu como menina, com voz bonita, e ele como rapaz, com um vozeirão que era coisa linda. Então nós cantamos essa música, eu tinha sete anos, estou vendo! Sainha plissadinha, uniforme: [Canta] “*Deixa a menina de roda brincar, ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar. Deixa os alunos em luz estudar, que o bom brasileiro mais tarde será*”. Aí ele fazia: [Canta] “*Bam, bam bam, bam, geme as cordas de um violão, pararatimbum, timbum, timbum, toca a banda lá do batalhão*”. Aí nós todos, as meninas em roda da gente: [Canta] “*Levamos a vida sempre a cantar, tralalá, lalalá, lalalá*”. Eu tenho essa recordação muito gostosa e me faz bem pensar nessas coisas. Tão bom, queria mesmo sempre estar cantando. Então elas já escolhiam a gente pra tudo, pra fazer uma homenagem, tudo assim.

REGINALDO – A renda fazia parte da família? Em atividades como depois do almoço...

ANITA – Sim... Claro. Outra coisa, a renda, a minha mãe... Naquele tempo meu pai trabalhava na Telefônica Catarinense, era o único que trabalhava na época. As minhas amiguinhas todas, os pais eram pescadores. Meu pai trabalhava, era analfabetíssimo, mas naquele tempo entrava pela janela! Hoje em dia tem que ter curso, tem que ter faculdade, mas ele entrou assim. Trabalhou quarenta e sete anos na Telefônica Catarinense que hoje é... Telesc? Acho que é...

REGINALDO - Brasil Telecom.

ANITA – É. Então meu pai era o único que trabalhava, mas a minha mãe fazia muita renda pra ajudar. Naquele tempo as mulheres faziam renda pra ajudar o marido. Vê que dava, era barata, mas dava pra tudo, ganhava pouco, mas dava tudo certo! Então aqui todo mundo fazia renda por isso, todo mundo. Ainda hoje tem algumas que fazem. A Mulata é uma que faz renda, ela anda, vira e mexe, mas ela faz renda sempre, sempre vendendo renda também, gosta muito.

TATI – Quem faz renda aqui no Ribeirão hoje?

ANITA – Olha, a Durvalina é uma, ainda faz também muito. Não é da minha idade, é mais de meia idade de mim... A Paulina, a Catarina também, elas têm aquela coisa ali na igreja... Essas fazem renda e na Lagoa, por aí afora, fazem toda vida, lá é um bando. Tem até aula pra isso, quem não sabe está aprendendo, até eu dava aula, se fosse preciso.

TATI – A senhora daria?

ANITA – Daria.

TATI – Que legal... Pra mim? *[Risos]*

ANITA – Queres muita coisa! Estas lá na Banda [da Lapa], não estás, também?

TATI – Sim. Aí já vem e faz as duas no mesmo dia!

ANITA – Olha, a Banda é uma que devia começar quando eu tinha 50 anos, aí era bom! A primeira a entrar na banda era eu. Naquele tempo mulher nenhuma entrava, quem disse que uma mulher vai entrar na banda pra tocar... Hoje em dia eu acho tão lindas aquelas meninas tocando, dá uma vontade de voltar pros meus, pelo menos, 20 anos, pra entrar.

DANIEL – A senhora conhece mais desses versinhos, é ratoeira que se chama?

ANITA – Conheço muito, mas só se eu pegar, assim de repente... Querem que eu pegue o livro?

TATI - A gente queria saber as que a senhora canta...

ANITA – Então a gente pega pelo livro e a gente canta!

[Anita busca o livro "Ribeirão da Ilha – Vida e Retratos", de Nereu do Vale Pereira, publicado em 1990] [Prossegue a conversa folheando-o]

ANITA – Esse é o livro do Ribeirão, tens esse? Se tu não vai ter... Isso aqui é tudo renda, de quando eu fazia pro turismo, são rendas que a gente fazia, eles fotografaram tudo. Essa é a Tramoia, essa é aquela que a gente fazia, eu mesma que desenhei essa aqui. Até hoje não tenho mais o pique, já dei pros outros. Essa aqui fui eu que desenhei, parece que eu estou vendo desenhando e fazendo. Deixa eu achar... Achei as músicas todas. Vê só, quanta música que tem aqui, pra tu ver a ratoeira... [Canta] "Fui à fonte tomar água, encontrei com um pavão, tomei água dos teus olhos, sangue do meu coração". "Meu galho de malva meu manjeriço, dá três pancadinhas no meu coração". "Laranjeira pequenina, carregadinha de flor, eu também sou pequenina, carregadinha de amor". "Bananeira chora chora, pelo filho que ela tem, corta o cacho morre a mãe, fica o filho sem ninguém". Verdade!

[Canta] "Cravo do meu craveiro, cada folha tem um i, andei lá por onde andei, eu de ti nunca esqueci." "Dentro do meu peito tem, um lindo crucificado, e quem tem raiva de mim, morre seco desgraçado"! [Risos] Essa foi a maior!

DANIEL – As ratoeiras eram as mulheres que inventavam, cada uma inventava uma?

ANITA – Essas eu já conheci assim.

DANIEL – Já conheceu assim?

ANITA – Conheci essa ratoeira. Quando havia festa... Aqui se fazia muita fogueira de São João, São Pedro, cada casa que tinha nome de Pedro ou João, a fogueira era feita, aí tinha tudo: tainha assada, era batata com melado, pão com melado, aipim com melado, tinha aquilo tudo... Mas na hora tinha a ratoeira, a gente cantava, tirava verso pros rapazes. Os rapazes também faziam no nosso lado, tudo de mão, e a gente tirava versos pra eles: [Canta] "Sabor firme não havia, a semente se perdeu, semente de amor firme, só em meu peito nasceu". Tem que saber colocar.

[Canta] "estava na minha janela, e um beija-flor me disse, a moça que leva gola, tem razão de ficar triste" Sabe o que é gola? Antigamente diziam... Levar um cano, levar um desprezo do cara, ele trocou ela por outra... Naquele tempo era gola que se falava... Interessante!

[Canta] "Quando eu olhei para o céu, vi o céu todo nublado, me diz como passaste, com teu novo namorado". Música você tem que saber colocar.

[Canta] "Borboleta cor de cana, daquela mais denegrada, se tu me sabes amar, tens amor por toda vida." É isso aí!

[Canta] "Lá em cima daquele morro, vai um tucano avoando, o bico vai escrevendo, as assas vão apagando". A gente tem que olhar pra poder cantar.

[Canta] "Atirei mas não matei, dei o meu tiro perdido, mal empregado foi meu tempo, em tomar amor contigo". Ah! Como é que pode?

Tem muita coisa linda... Isso aqui, eu cantei Terno de Reis, eles vinham aqui em casa... Inclusive até fomos cantar, uma apresentação na igreja, no tempo de Reis. O Reginaldo [Regi Barcelos] tinha uma casa, ele tem muito gosto pra essas coisas, fazia uma casa imitando que a gente estava cantando naquela casa, entendeu? Aquela casa tinha uma janela e uma porta, a gente cantava o Terno de Reis ali. Na Fenaostra a gente fez isso numa igreja. A gente depois cantava o Terno de Reis, éramos duas ou três, e eles davam até a esmola, o dinheiro, davam pra gente, de mentirinha mas era dinheiro, muito engraçado! Então a gente cantava isso: *[Canta] "Os reis magos, no oriente se juntaram. E vieram à cidade de Belém. Adorar um ente pequenino, que é Jesus nosso grande sumo bem. Eis que um grande Baltasar, com imensa alegria, viu uma estrela que guiava na humilde estrebaria. Diante da manjedoura de joelhos se prostraram. Com incenso, ouro e mirra, ao messias ofertaram."* Aí tinha o estribilho: *"Cantemos, cantemos, com grande satisfação. Menino Jesus, abençoe o Ribeirão. Cantemos, cantemos, com grande satisfação. Menino Jesus, abençoe o Ribeirão"*. Tudo isso a gente cantava... Era muito bom o tempo que a gente fazia essas coisas todas. Acabou tudo, não é? Agora eu canto todo ano, sou até registrada lá na Franklin Cascaes. Todo ano, estou cantando há 14 anos lá. Todo ano, não demora, quase no final de dezembro eles me telefonam: "- Anita, o Terno, não esquece". Então a gente leva a turminha, que cantava, cinco ou seis pessoas. O Reginaldo, do violão, também está tocando com agente agora, é muito bom.

[Fim da primeira entrevista]



Foto: Daniel Choma.

Entrevista com

Anita Maria Lopes de Moraes

realizada em 2012

FICHA TÉCNICA

Local da entrevista: Residência da entrevistada –Freguesia do Ribeirão da Ilha – Florianópolis - SC.

Data: 02 de julho de 2012.

Participantes: Tati Costa – Entrevista e Captação de Som; Daniel Choma – Câmera e Entrevista.

Produção: Câmara Clara – Instituto de Memória e Imagem.

Projeto de origem da entrevista: Interações – artes do fazer e do lembrar.

Parcerias do projeto de origem: Instituto 3 Vermelho – Ponto de Cultura Baleeira; Banda da Lapa – Ponto de Cultura Educação Musical Popular; Rádio Campeche – Ponto de Cultura TOCA; LIS – Laboratório de Imagem e Som – UDESC; Prêmio Ação Cultura Digital – Ação Cultura Viva - Ministério da Cultura – Governo Federal.

Transcrição da entrevista para projeto Memória Rendeira (2021): Tati Costa | Edição: Daniel Choma

MEMÓRIARENDEIRA

Projeto selecionado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura - Patrimônio e paisagem cultural - Edição 2020, executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura.

Projeto:



Apoio:



Realização:



ENTREVISTA COM ANITA MARIA LOPES DE MORAES

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/anita/>

[A gravação acontece enquanto dona Anita tece sua renda de bilro]

ANITA – Eu não faço porque tenho obrigação de fazer não, faço pra não ficar parada. Isso aqui é uma terapia, tanto a renda como o mexer com as mãos, entendeu? Eu tenho os bilros, tenho tudo aqui, sou obrigada a fazer. Não posso estar parada, já estou muito parada, me acho.

TATI – Esses bilros são antigos?

ANITA – Ah são, têm mais de cem anos, têm cento e tantos anos já, meu avô que fez pra minha mãe, [ela] tinha sete anos. Minha mãe morreu velha, já está mais de cem anos, vinte de morte, cento e poucos anos. Eu adoro fazer, porque tenho esses bilrinhos tão bonitinhos, torneados, ninguém tem. Desse meu aqui ninguém tem, têm os bilros brutos. Meu avô era muito inteligente, fazia o que ele queria. Aprendeu a tocar música na cama, ele esteve entrevado quinze anos, saiu com trinta da cama, reumatismo. Então ali ele aprendeu tudo, tinha força de vontade de aprender. Também sou igual, eu sei fazer de tudo: sei bordar, sei fazer o que quero, mas gosto só de fazer renda, bordado não gosto mais, já fiz bastante.

TATI – Realmente [os bilros] são bem especiais...

ANITA – Olha que coisa lindinha!

TATI – Essa [renda] que a senhora está fazendo vai vender?

ANITA – É, ela encomendou pra fazer. Estou fazendo cinco metros já, com essa. Todas que eu faço é desenho meu, não faço com desenho de ninguém, não gosto.

[Corte]

ANITA – Eu não trabalho com essa linha não, trabalho mais é com Esterlina.

[Prossegue fazendo a renda]

[Corte]

TATI – Onde que corta pra ela não se desfazer? Porque pra botar na roupa ela vai cortar...

ANITA – Corta aqui embaixo, amarra, vem todo amarradinho e corta. Vou fazer até o que a linha der, cinco metros já é com isso aqui.

[Corte]

DANIEL – Essa fita, como é que se chama?

ANITA – Essa renda aqui? Orelha de Mula, porque ela tem uma orelhinha aqui, esse biquinho torna-se uma orelhinha, entendeu?

TATI – Como a senhora inventa o desenho?

ANITA – Eu invento. Já desenhei rendas grandes, ovais, não tem? Já desenhei tudo. Agora não quero mais fazer essas coisas, mas já fiz muito pros outros. Fiz uma renda tão linda, um oval, tão lindo, enorme, naquele tempo, há uns anos atrás. Foi televisionada essa renda. Foi pra Porto Alegre, naquela época custou quatro reais aquele oval, imagine! Quanto não é hoje? Muito linda! A ASSORI é que fazia muito isso, o seu Doralécio [Soares], que era encarregado da ASSORI, muita gente fazia renda pra ASSORI. Eu já viajei pela ASSORI. Fui pro Chile, estive quinze dias no Chile, fazendo renda lá, desenhando, fazia e vendia tudo, uma loucura. Agora não tenho nem mais coragem de ir ali sozinha, vou à cidade com medo. Naquele tempo fui sozinha, andei de avião sozinha e tudo. A única brasileira que estava lá era eu, nessa época que fui... Eu trabalhava no SEBRAE, na época, aí o presidente do SEBRAE: “– Eu quero que a Dona Anita vá, pra nós é um prazer!” Tudo bem. Aí ele telefonou lá pro embaixador falar comigo, se precisasse de alguma coisa, ia me socorrer, mas nunca precisei de nada não, felizmente. Tudo pelo Turismo, com salário e tudo. Fui pra Alemanha também, já pensou? Que raiva me deu, falar com aqueles alemães que não se entendia nada, era um trabalho! O espanhol é fácil, falava perfeitamente com eles, mas o alemão não.

TATI – Também na Alemanha foi por causa da renda?

ANITA – É. Tudo por causa de renda, eles queriam conhecer a renda do Brasil, de Santa Catarina. Viajei tanto de avião, credo, eu era tão corajosa. Mas agora não tenho mais coragem não, tenho medo de tudo, tenho medo de viajar, agora não gosto mais de viajar, muito medo.

[Pausa. Anita busca uma caixinha, com várias rendas, para gravarmos]

ANITA – Essa é a branca. Espera, deixa eu virar. *[Apresenta uma renda]* Essa é a branca. *[Apresenta outra peça]* Essa é com linha Esterlina. Está bom?

DANIEL – Está ótimo!

ANITA – Posso ficar assim?

DANIEL – Está bom, obrigado!

ANITA – Essa aqui é uma que faço muito, meu Deus, como elas querem. Essa aqui fiz pra minha nora, ela botou na blusa assim, ficou tão linda. Essa outra também, é a mesma, essazinha aqui, olha lá, que coisa linda!

TATI – Que delicadinho!

ANITA – Essa é linda, lindinha essa aí. Isso é tudo desenho meu, eu que invento tudo isso. Invento, mas tudo certinho!

[Corte]

ANITA – Essa aqui já é um entremeio dessa, entendeste? Essa não tem bico, olha que lindo que fica... Que lindo que fica essa aqui. Essa aqui eu faço muito, essas aqui também foi tudo desenho meu, já está até lavada essa aqui, falta passar pra guardar.

[Corte]

ANITA – A caixinha que eu boto as rendinhas e os crochês, que começo a fazer e não acabo nunca, nem dou bola. Onde que está aquela grande? Ai meu Deus, já pegaram daqui, não é normal isso!

TATI – Olha a vermelha...

ANITA – Alguém já pegou daqui a minha grande, uma linda que tem aqui. Ah que pena... Essa aí é desenho que eu estava fazendo também, bonitinha! Tudo com bordadinho, perninha cheia. Essa é com linha grossa, não é com linha fina que ela fica assim, engomada. Tinha uma tão linda aqui que vocês iam ficar admirados de ver a beleza da renda, dessa largura, não está mais aqui, alguém pediu emprestado, não sei... Aquela chama-se “Céu estrelado”. É toda cheia de estrelinhas assim, muito linda!

TATI – Tem nome essa aqui?

ANITA – Essa aí não tem nome não. Essa aí é uma bicudinha que eu faço, não botei nome nela. Fora essas miudinhas, já fiz uns trezentos metros dessa aqui, não agüento mais olhar nem pra elas, essas miudinhas fiz muitas. Mas está faltando renda aqui. Aquela linda minha que eu tenho, onde está então?

DANIEL – Essa miudinha sai quanto o metro?

ANITA – Essa miudinha, na época eu vendia... Ó essa vermelhinha e tudo... Essa aqui eu vendia na época, não sei se era oito reais o metro, faz anos isso, mas não faço mais elas. Olha essa aqui: é um entremeiozinho. Eu adoro fazer essas rendinhas, mas agora estou muito malandra...

TATI – Dona Anita, a senhora troca pique com alguém? Se as amigas querem fazer, a senhora dá o desenho pra elas?

ANITA – Olha que linda! Essa eu estou procurando.

TATI - Essa é a do Céu?

ANITA – É, Céu estrelado. O que tu falaste, se troco?

TATI – O pique, os desenhos, se a senhora empresta pras amigas?

ANITA – Não empresto pra ninguém, quem quiser que faça.

TATI – É exclusivo?

ANITA – Sempre gostei de usar coisa que ninguém usa. Sempre tive essa mania, desde solteira. Meu vestido nunca foi igual ao de ninguém, tenho uma mania, entendeste? Se não, na rua parece que somos gêmeas, nunca gostei de fazer a renda que os outros fazem, é tudo eu que faço a minha. Também não empresto não, querida, quem quiser que vá fazer. Faça, como eu faço!

[Risos]

ANITA – Essa é muito linda!

TATI – Então, pode-se dizer que é exclusiva da dona Anita?

ANITA – Exclusivo da dona Anita! Dona Anita que faz tudo isso... Os chochês, que começa e não acaba, está tudo aí... Eu guardei...

DANIEL – Tudo bem, eu estou pegando a senhora guardando.

ANITA – Ah tá...

TATI – Essa é bonitinha mesmo, lembra até festa de São João essa aqui!

ANITA – Qual?

TATI – Essa do Céu estrelado.

ANITA – É... Festa de São João... Eu já brinquei muito, meu Deus, já ganhei até prêmios, eu esperava todo mundo, aí ia em casa me arrumar e me arrumava de um jeito bem antigo, bem caipira, chegava falando caipira no clube...

[Risos]

ANITA – Coisa de louco! Fazia coisa... E ainda estou fazendo, que até essa hora não param de filmar nada, ninguém deixa de filmar!

[Fim da segunda entrevista]



Foto: Daniel Choma.

ENTREVISTA COM ANITA MARIA LOPES DE MORAES

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: <http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/anita/>